

Bairro rural, escola e educação do campo: saberes e vivências rurais no município de Três Corações/MG

Wender da Silva Vitor⁹
Ana Rute do Vale¹⁰

Introdução

O bairro rural e sobretudo, a educação do campo implementada nas escolas rurais, tem se tornado um tema recorrente na Geografia Agrária, pois em muitos municípios brasileiros crianças e jovens frequentam essas instituições de ensino. Nesse sentido, torna-se importante compreendermos o papel dessa escola, não apenas na vida desses alunos, como também no contexto socioespacial no qual essas escolas se inserem, ou seja, nas comunidades dos bairros rurais. Esses espaços são estruturados a partir de um grupo de moradores próximos com relações interpessoais, onde há união coletiva em relação às questões econômicas, sociais, culturais e ambientais, tornando dinâmica as estratégias de organização e reprodução deste espaço em prol de melhorias.

A presença de escolas no espaço rural é de fundamental importância para população residente, embora cada vez mais elas estejam sendo fechadas, sobretudo nas regiões Sudeste e Sul do país, onde o êxodo rural, ao esvaziar o campo, diminui a necessidade de escolas rurais. Além disso, tem o fato de que os custos com transporte das crianças e jovens rurais para escolas na cidade podem ser bem menores do que manter uma escola no campo, segundo a lógica capitalista.

É importante lembrarmos que o êxodo rural no Brasil está relacionado não apenas à modernização do campo e à concentração fundiária, mas sobretudo às políticas agrícolas e agrárias que muito pouco contribuem para o desenvolvimento da agricultura familiar, responsável por, pelo menos, 70% da produção de alimentos no país. Como, de modo geral, ela está presente em muitos bairros rurais pelo Brasil a fora, a tendência também é o esvaziamento desses espaços, uma vez que as dificuldades de se manter na agricultura vem comprometendo a sucessão geracional.

Sem saída, as populações que vivem nesses bairros migram para a cidade, fazendo com que os jovens que ali residiam percam sua identidade com o lugar de origem e assim, pouco a pouco, até mesmo as escolas que resistiram a essas transformações, também são

⁹ Graduado em Geografia Licenciatura na UNIFAL-MG. E-mail: wender.vitor@sou.unifal-mg.edu.br

¹⁰ Professora Doutora na UNIFAL-MG. E-mail: ana.vale@unifal-mg.edu.br

ameaçadas a fecharem suas portas devido a baixa demanda de estudantes nessas áreas, ou ainda limitando-se a um currículo engessado e totalmente urbano, negando ao aluno sua própria história.

No entanto, existem ainda muitos bairros rurais que, apesar de algumas mudanças na atualidade, mantêm sua vida social por meio de elementos como igrejas, pequenos comércios, campos de futebol e escolas rurais, caso este da Escola Municipal Rio do Peixe II, objeto de estudo dessa pesquisa, que está localizada no bairro rural Rio do Peixe, no município de Três Corações-MG, cuja história se mistura com a história do próprio bairro e que por meio de projetos pedagógicos, buscou valorizar a cultura rural.

A partir do exposto, esse trabalho analisou o papel da Escola Municipal Rio do Peixe II no contexto do bairro rural Rio do Peixe de modo a compreender sua importância para essa comunidade, a fim de contribuir para resgatar sua cultura e valorizar as vivências e saberes de seus alunos na unidade de produção familiar.

A pesquisa em questão faz-se necessária no sentido de pensar a escola no contexto do bairro rural pela perspectiva da educação do campo como um elo de ligação de crianças e jovens nesse meio. Trata-se de refletir sobre a importância que uma escola pode ter para uma comunidade rural, mesmo quando adota um currículo meramente urbano, preocupando-se com os elementos socioculturais daquele espaço geográfico. Assim, torna-se necessário o entendimento dos processos educacionais que abarcam a cultura e os saberes locais, adjunto às especificidades do bairro rural Rio do Peixe, que colaboram para a identificação da versatilidade de conhecimentos sobre como esse espaço é vivenciado e entendido pelos alunos da Escola Municipal Rio do Peixe II.

Ademais, a escolha dessa temática tem o intuito de fomentar as discussões sobre a importância de uma educação contextualizada e as formas com as quais a ciência geográfica pode analisar e contribuir de modo eficaz para o melhor entendimento das especificidades espaciais e educacionais do campo brasileiro, uma vez que há um descompasso entre a educação do campo e o cotidiano das crianças na unidade de produção familiar, tema esse que vem se tornando recorrente na Geografia Agrária, fato que nos motivou a embrenhar nessa empreitada investigativa.

Ressalta-se que essa pesquisa se baseou nos resultados do Relatório Final do projeto de Iniciação Científica Modalidade (PIBIC)/CNPq intitulado “A escola no contexto de um bairro rural: saberes e vivências rurais, educação do campo e agricultura familiar”, realizado entre julho de 2019 e agosto de 2020, na UNIFAL-MG, e no qual o primeiro autor desse trabalho foi o bolsista e a segunda autora, sua orientadora.

Para a realização dessa pesquisa, utilizou-se levantamento e revisão bibliográfica sobre a temática, sobretudo discussões sobre agricultura familiar, bairro rural e educação do campo. Também foram buscados dados secundários junto à Prefeitura Municipal de Três Corações-MG, Secretaria de Educação de Três Corações-MG, secretaria da Escola Municipal Rio do Peixe II e também a sites oficiais como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) e Ministério da Educação e Cultura (MEC). Para reconhecimento do bairro rural Rio do Peixe foram efetuadas algumas visitas ao local, nas quais foi possível buscar informações a cerca da história a partir de entrevistas com 3 moradores, que nasceram e vivem no bairro há mais de 60 anos. Além disso, foi possível conhecer os projetos pedagógicos desenvolvidos e a situação da escola Municipal Rio do Peixe II, realizando entrevistas também com a então diretora da escola (2020) e com 3 professoras que lecionam na instituição.

Dessa forma foi possível alcançar os resultados que aqui serão apresentados, sendo estruturado, além da introdução e considerações finais, um referencial teórico que buscou discutir agricultura familiar, bairro rural, escola rural e educação do campo, vindo a seguir os resultados da pesquisa, no qual relata-se parte da história do bairro rural Rio do Peixe, sua relação com a Escola Municipal Rio do Peixe II, bem como seus projetos pedagógicos desenvolvidos que podem valorizar a cultura do bairro, embora não possam ser configurados como educação do campo.

Bairro rural, agricultura familiar, escola rural e educação do campo

Ao se estudar as localidades existentes no campo denominadas como bairros rurais, muitos são os vieses e perspectivas discutidos e analisados. Desse modo, nessa sessão, o intuito é compreender como se dá o processo de formação dos bairros rurais e como esses estão distribuídos no campo, podendo transitar entre diferentes contextos e linhas de abordagens, que contribuem para a construção de um olhar mais crítico sobre o tema em questão. Assim, se tratando da definição de bairro rural, recorreremos à concepção de Bombardi (2004, p. 59), na qual para ela bairro rural,

[...] é na realidade uma célula de comunidade social onde existem certos tipos de relações sociais a lhe darem corpo: laços de parentesco ou de vizinhança, reforçados frequentemente pela existência de uma venda, capela ou escola cujo raio de ação marca comumente os limites do bairro... o pequeno proprietário sitiante, embora crie um povoamento disperso, está preso a uma certa unidade - o bairro - que corresponde a um certo fator geográfico que o torna distinto: a proximidade das casas e uma relativa concentração. Este fato é importante porque não se trata de uma dispersão em que o sitiante está isolado, em que suas relações com o meio só poderiam contar com recursos individuais.

Esses espaços são estruturados a partir de um grupo de moradores próximos com relações interpessoais, onde há união coletiva em relação às questões econômicas, sociais, culturais e ambientais, tornando dinâmica as estratégias de organização e reprodução deste espaço em prol de melhorias para o meio rural.

Nesse sentido, Fernandes (1972) apud Moreira (2007, p. 47) ressalta como um elemento importante na definição do limite territorial do bairro rural o “sentimento de localidade, ou seja, o sentimento de pertencer a um lugar”, considerando que os residentes mantêm relações sociais. “Esse sentimento de localidade está reforçado pela presença da igreja, da escola, da venda, enfim, de elementos que permitem reforçar a coesão social entre os moradores do bairro.”.

Todavia, Cândido (2004) mostra que a partir da influência de novas técnicas de produção e produtos, advindos do mundo urbano, os bairros rurais estão transformando e modificando seu modo de vida, as visões rudimentares de lidar com a terra, sua autonomia, uma produção cada vez mais destinada à venda, a economia de mercado. Assim, “a incorporação à economia capitalista altera as posições na estrutura tradicional e possibilita a definição de outras, fora dela” (CÂNDIDO, 2004, p.233). Essa influência da urbanização no campo e mais especificamente nos bairros rurais se reflete no tipo de educação ofertada pelas escolas rurais brasileiras. Nesse sentido, Rodrigues (1991) apud Oliveira Júnior (2015), atenta para o fato de que

[...] a escola rural está profundamente distante da realidade do trabalho e da vida dos agricultores, uma vez que a educação tem sido utilizada pelas classes dominantes para manter a classe trabalhadora subordinada aos seus interesses. E que por esta razão a escola rural continua hoje como sempre esteve, à mercê de modelos urbanos, distantes das necessidades de trabalho e da produção da vida camponesa e até mesmo de seus valores básicos mais profundos. Revela, assim, a necessidade de pesquisas e estudos que consigam abordar o conhecimento espacial e suas particularidades em uma escala de análise detalhada, a fim de propor abordagens distintas em função de características geográficas e sociais adversas fruto da divergência espacial e cultural.

Callai (2013, p. 26) reforça essa ideia ao ressaltar a importância da vivência escolar na vida dos alunos. “Refletir sobre escola, cotidiano e lugar nos reporta a pensar no mundo da vida e na criança inserida nele e a escola passa a fornecer as ferramentas para que ela o interprete [...]. Nesse sentido, cotidiano e lugar passam a ser conceitos importantes na aprendizagem escolar”. Do mesmo modo, Costa e Santos (2011, 74-75) afirmam que, historicamente, a educação do campo foi marcada pela desvalorização da cultura camponesa

no que se refere aos seus saberes, fazeres e modo de vida. Sendo assim, as escolas rurais tendem a adotar a educação da cidade, reforçando a ideia de que a vida na cidade é melhor que no campo. Os autores acreditam que a educação do campo “tem papel estratégico ao longo da história brasileira, ora de fixar o homem no campo, ora de instrumentalizá-lo para atender à chegada das novas tecnológicas de produção”.

A agricultura familiar é uma particularidade dentro de um bairro rural em razão da presença desse tipo de exploração nas atividades desses moradores, sendo também “a atividade responsável pela manutenção e sustentabilidade econômica deles, garantindo sua sobrevivência num contexto de exploração das terras, marcado pela grande propriedade” (OLIVEIRA, 2006, p.9).

Tomaremos aqui a definição de agricultura familiar, bairro rural e educação do campo necessárias para o entendimento das transformações ocorrentes no meio rural, a fim de traçar um perfil deste campo. Seguindo nesse mesmo sentido, Wanderley (1996, p.2) acrescenta a isso o fato de que este caráter familiar não é um mero detalhe superficial e descritivo: o fato de uma estrutura produtiva associar família-produção-trabalho tem consequências fundamentais para a forma como ela age econômica e socialmente, enquanto que Carneiro (2008) acrescenta que a agricultura familiar é também uma unidade que sustenta uma rede de relações sociais diversas e estas não podem ser reduzidas apenas às relações de trabalho. Tais relações sociais são estabelecidas no contexto dos bairros rurais, em especial nas escolas rurais, objeto de estudo dessa pesquisa.

A presença de escolas no espaço rural é de fundamental importância para população residente, embora cada vez mais elas estejam sendo fechadas, sobretudo nas regiões Sudeste e Sul do país, onde o êxodo rural, ao esvaziar o campo, diminui a necessidade de escolas rurais. Além disso, tem o fato de que os custos com transporte das crianças e jovens rurais para escolas na cidade podem ser bem menores do que manter uma escola no campo, segundo a lógica capitalista na qual as prefeituras e órgãos públicos se baseiam para o fechamento das mesmas, processo esse que dá brecha para o fechamento de muitas escolas, uma vez que em muitos lugares a população do campo diminuiu drasticamente após este período, dando margem ao que chamamos de nucleação de escolas ou a migração escolar para o urbano, afastando os jovens ainda mais do campo.

Uma escola do campo não é, afinal, um tipo diferente de escola, mas sim é a escola reconhecendo e ajudando a fortalecer os povos do campo como sujeitos sociais, que também podem ajudar no processo de humanização do conjunto da sociedade, com lutas, sua história, seu trabalho, seus saberes, sua cultura, seu jeito [...] (CALDART, 2003, p. 66, apud SANTOS, (2018, p. 9).

Há ainda muita dificuldade de se estabelecer uma educação do campo. O que vemos muito são escolas rurais que ofertam uma educação no campo, ou seja, por mais que apresentem em seu Projeto Político Pedagógico (PPP) a relação com o campo, em sua prática e na vivência em sala os professores encontram dificuldades em distinguir a educação *no* campo da educação *do* campo, ofertando muitas vezes o mesmo ensino do urbano para um currículo rural.

É importante lembrarmos que o êxodo rural no Brasil está relacionado não apenas à modernização do campo e à concentração fundiária, mas sobretudo às políticas agrícolas e agrárias que muito pouco contribuem para o desenvolvimento da agricultura familiar, responsável por, pelo menos, 70% da produção de alimentos no país. Como, de modo geral, ela está presente em muitos bairros rurais pelo Brasil a fora, a tendência também é o esvaziamento desses espaços, uma vez que as dificuldades de se manter na agricultura vem comprometendo a sucessão geracional, contribuindo para o êxodo rural e afetando não só o ensino dos que vivem nessas localidades como a própria agricultura familiar e seu modo de vida, pois a mesma afetou os pequenos produtores que, sem recursos para se adequarem às novas transformações e sem os filhos que se distanciaram do campo e do auxílio na produção, abandonaram suas lavouras em busca de novas fontes de renda.

Acredita-se que nossa pesquisa junto aos textos analisados possibilitou a compreensão deste processo na prática, permitindo-nos visualizar a ambiguidade social presente entre os espaços rural e urbano e a heterogeneidade que vem sendo constatada através do acompanhamento de atividades no âmbito da relação campo-escola-família. Explicando melhor, há um descompasso entre a educação do campo e no cotidiano das crianças na unidade de produção familiar.

Torna-se nítido, nesse caso, que as relações estabelecidas no espaço rural passam por ressignificações, uma vez que esses indivíduos que ali vivem são influenciados por elementos existentes no espaço como por exemplo a escola, ou mesmo uma igreja. Diante da problemática apresentada, faz-se necessário a busca por um referencial teórico que abarque os temas bairro rural, educação do campo e agricultura familiar.

Tais instituições apresentam àquele local sentidos diferentes, podendo ser importantes meios das interações sociais entre os moradores que residem nesse espaço rural. Conforme Cândido (1971) apud Costa e Oliveira (2005, p. 1) compreende-se bairro rural como “uma unidade social intermediária entre o grupo familiar e outras formas mais complexas de solidariedade social”, no qual esses vizinhos se reúnem “para trabalhos de ajuda mútua e participa de festejos religiosos locais, não compreendendo, necessariamente,

uma divisão administrativa”. Essa participação dos moradores do bairro nos festejos religiosos ocorre por conta existência de uma capela “consagrada a determinado santo”, embora esses também possam ocorrer nos ambientes domésticos (terços, rezas). O autor supracitado, mas em edição mais recente de mesma obra, conclui que “o trabalho e a religião se associam para configurar o âmbito e o funcionamento do grupo de vizinhança, cujas moradias, não raro muito afastadas umas das outras, constituem unidade, na medida em que participam no sistema destas atividades” (CANDIDO, 2003, p.51).

Ao efetuar esta análise, foi possível observar o descompasso existente entre a educação proposta e discutida para o campo com a realidade das escolas nele presente, evidenciando o ensino que de fato é ofertado nessas localidades, admitindo assim que o rural ainda carece de um olhar mais apurado, investindo em recursos, formações adequadas e políticas públicas.

A Educação do Campo é tida como uma conquista e se diferencia da educação rural tradicional por essa condição de valorização da vida no campo, ou seja, ela é emancipatória e se volta ao campo como parte daquele indivíduo, daí a importância das políticas públicas e de se ter uma educação crítica e libertadora.

O campo não é só o lugar da produção agropecuária e agroindustrial, do latifúndio e da grilagem de terra. O campo é espaço e território dos camponeses e dos quilombolas. É no campo que estão às florestas, onde vivem as diversas nações indígenas. Ainda assim o campo não é totalmente esquecido, tendo para ele as políticas ditas adaptativas, onde as mesmas que são pensadas para a cidade são adaptadas para o campo (BARROS FILHO e TELES, 2018, p. 2).

É daí que surge a necessidade de se ter escolas nas localidades rurais independente de seu contexto socioespacial ou dos grupos que ali residem. A mesma deve ser ofertada e deve trabalhar o cotidiano destes indivíduos, pois geralmente as escolas rurais surgem das necessidades da comunidade em se ter naquela localidade uma instituição de ensino, essas que, ao longo da história, foram sendo aperfeiçoadas, pois de início a condição das escolas situadas no rural eram bem precárias, mas mesmo com essas adaptações ainda estamos longe de um modelo ideal pautado neste sujeito do rural.

Outro ponto importante de se destacar é a oferta de um ensino de Geografia que seja pautado e se debruce nas questões e vivências do campo, tema este que ainda precisa ser mais discutido por professores, alunos, comunidade escolar e todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem da Geografia, ou melhor, da educação do campo como um todo. “A maneira como a Geografia é ensinada na maioria das escolas rurais, por parte dos professores, não permite ao educando perceber o campo como seu lugar de vida, tampouco o conceba de forma crítica e reflexiva como propõe o ensino de Geografia”

(RODRIGUES; NADORQUE, 2018, p. 8).

A presente pesquisa nos apontou que por mais que existam discussões dentro e fora de eventos a respeito da geografia agrária e temáticas do campo, ainda carecemos de mais, principalmente voltado para a educação do campo, formação e preparo para aquele que pratica a docência nestas localidades, e para além, de que forma estamos retratando o nosso campo, pois há uma vasta diversidade de comunidades dentro do território brasileiro que vive no rural, cada uma com sua história, sua cultura, suas necessidades. Sendo assim, não podemos encaixá-las numa única caixinha e dizer “geografia do campo”, mas temos de olhar para essas diversidades e entendê-las como diferentes geografias do campo, diferentes ruralidades, a qual precisamos cada vez mais dar visibilidade e promover assim uma geografia agrária diversificada, atualizada e incluyente.

Escola, vivência e saberes: a importância da escola na história do bairro

Antes de falarmos diretamente da Escola Municipal Rio do Peixe II, faz-se necessário caracterizar primeiramente o município de Três Corações e consequentemente, o bairro rural Rio do Peixe.

O município de Três Corações está situado na mesorregião Sul/Sudoeste do estado de Minas Gerais e na microrregião de Varginha (figura 1). Apresenta uma latitude de 21° 41’49” S; longitude de 45° 15’12” W, com uma altitude de 864m e uma área de 828,1 Km². Situando-se na Bacia do Rio Grande, é banhado pelos rios Verde, do Peixe, Palmela e Lambari, além de vários ribeirões e córregos. (IBGE, 2010). Limita-se ao Norte com os municípios de Varginha e Carmo da Cachoeira, ao Sul com os municípios de Conceição do Rio Verde e Cambuquira, a Leste com os municípios de São Bento Abade e São Tomé das Letras e a Oeste com os municípios de Campanha e Monsenhor Paulo. A topografia é representada pelas serras da Onça, do Palmital, do Jurumim entre outras, tendo seu ponto culminante na serra das Ninfas, aos 1.200 m de altitude. (PREFEITURA DE TRÊS CORAÇÕES, 2018).

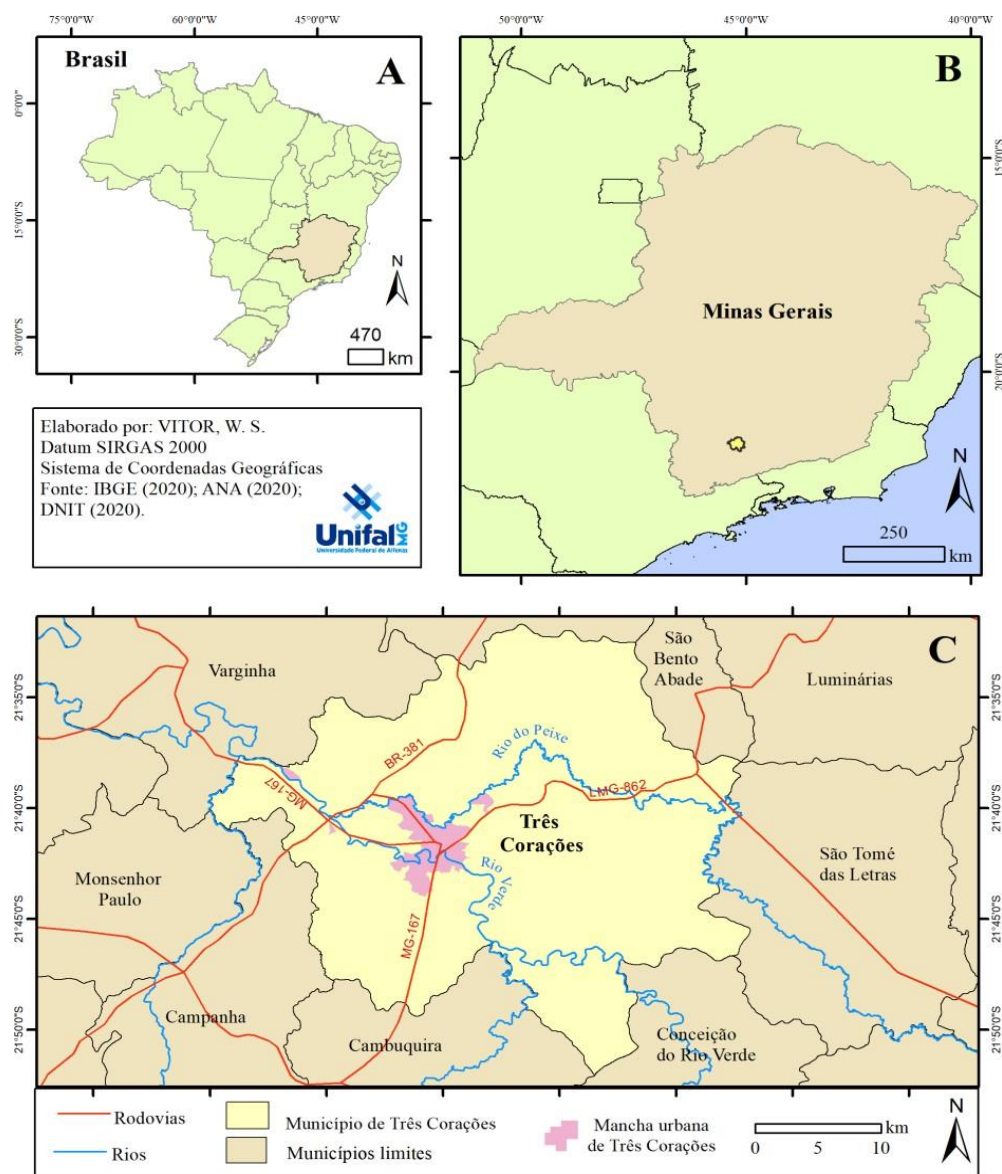


Figura 1 - Mapa de localização geográfica do município de Três Corações-MG.

Fonte: IBGE; ANA; DNIT (2020). Elaborado por Wender da Silva Vitor (2021).

O município possui uma população total de 72.765 pessoas e uma densidade demográfica de 88,88 hab./km², sendo que a população urbana representa 90,4% com 65.826 habitantes, e a rural 9,6%, com 6.939 habitantes (IBGE, 2010) e população estimada de 80.032 pessoas (IBGE, 2020). Esses dados mostram o alto grau de urbanização, resultante do processo de êxodo rural, que marca a realidade da maioria dos municípios da mesorregião. Verifica-se portanto que, nos últimos quarenta anos sua população total dobrou (106,83%), sendo notório um aumento da estimativa urbana que quase triplicou (156,90%) e a rural diminuiu em 3.000 habitantes (27,4%). Essa evolução pode ser observada na tabela 1.

Os ônus do processo de urbanização de Três Corações já estão a interferir no dia a dia da Cidade e de seus habitantes como pontos de retenção do trânsito e

congestionamentos em horários de pico; ocorrência de alagamentos e deslizamentos pela ocupação de áreas impróprias; presença de áreas de vulnerabilidade social e de habitação precária; insegurança pública são exemplos de deseconomias urbanas indesejáveis que a afetam (PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS CORAÇÕES, 2017, p.79).

Tabela 1 - População residente por situação de domicílio conforme os censos de 1970, 1980,1991, 2000 e 2010.

Ano	População rural	%	População urbana	%	População total	%
1970	9.557	27,1	25.623	72,9	35.180	100
1980	8.215	22,7	36.167	77,3	44.382	100
1991	7.911	16,1	49.134	83,9	57.045	100
2000	6.872	11,7	58.419	88,3	65.291	100
2010	6.939	9,6	65.826	90,4	72.765	100

Fonte: IBGE – Censo Demográfico – Dados da amostra, 2010. Organizada por Ana Rute do Vale (2021).

Com relação aos aspectos econômicos, o município de Três Corações tem seu Produto Interno Bruto (PIB) por renda per capita de R\$ 28.056,22, que comparando com outros municípios do estado de Minas Gerais, ocupa a posição 118º no mesmo, e a 2ª posição na sua microrregião, composta no total por 16 municípios. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE TRÊS CORAÇÕES, 2015. p. 14).

Com grande destaque na participação econômica do município estão as atividades agropecuárias, tendo as culturas do café, milho, soja, trigo e batata inglesa grande expressão econômica, seguindo-se em menor escala as de feijão, arroz e frutas regionais. Na pecuária apesar da importância do gado de corte, o leiteiro é um dos melhores do Estado (PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS CORAÇÕES, 2018). A maior parte das terras agrícolas do município é ocupada pelo milho (46,41%) e café (41,61%), conforme se observa na tabela 2.

Tabela 2 - Área plantada pelas principais culturas agrícolas no município de Três Corações-MG (2010).

Cultura produzida	Área Plantada (ha)	%
Milho	121.220	46,41
Café	108.670	41,61
Feijão	20.000	7,66
Batata inglesa	6.450	2,47
Soja	3.240	1,24

Cana de açúcar	440	0,17
Mandioca	413	0,16
Arroz	327	0,13
Laranja	210	0,08
Tomate	118	0,05
Banana	80	0,03
Uva	15	0,01

Fonte: IBGE (2010) – IPEADATA REGIONAL AGROPECUARIA.

Segundo informações coletadas no Plano Municipal Decenal de Educação da Secretaria Municipal de Educação de Três Corações, em 2014 o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal era de 0,780. De acordo com a classificação do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o município está entre as regiões consideradas de médio desenvolvimento humano (IDH entre 0,5 e 0,8). (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE TRÊS CORAÇÕES, 2015).

A indústria também possui sua contribuição e embora essa ainda não seja tão expressiva, contribui para o município que dispõe de um Distrito Industrial, localizado às margens da Rodovia Fernão Dias (BR-381), no qual procura atrair investimentos de grandes empresas. O setor mineral também se destaca na exploração da pedra São Tomé, de grande aplicação no ramo de construção civil. Além disso, possui uma atividade comercial bastante significativa, tanto atacadista como varejista (PREFEITURA DE TRÊS CORAÇÕES, 2018).

Embora o Município, mantenha atualmente produção agropecuária importante, desenvolveu atividade comercial e industrial, em especial de serviços, de maior peso no PIB municipal e na geração de postos de trabalho, função da presença de importante infraestrutura de transporte, no passado, ferroviária, hoje rodoviária, denotando a influência do fator logístico da Região Sul e do Município, localizado às margens da Rodovia Fernão Dias, na dinâmica populacional quanto ao local de domicílio (PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS CORAÇÕES 2017, p. 61)

Quanto ao espaço rural do município, apesar de sua população ser minoritária, conforme já mencionado, alguns bairros rurais ainda concentram parte dessas pessoas como uma vida social bastante intensa. Esse é o caso do Rio do Peixe, caracterizado pela presença da agricultura familiar, boa parte de famílias oriundas do próprio bairro. Também é nele que está localizada uma das quatro escolas rurais do município, a Escola Municipal Rio do Peixe II, objeto deste estudo. Ela está situada às margens da rodovia

MG-862, importante rota por ligar os municípios de Três Corações, São Bento Abade e São Thomé das Letras (figuras 2, 3 e 4).

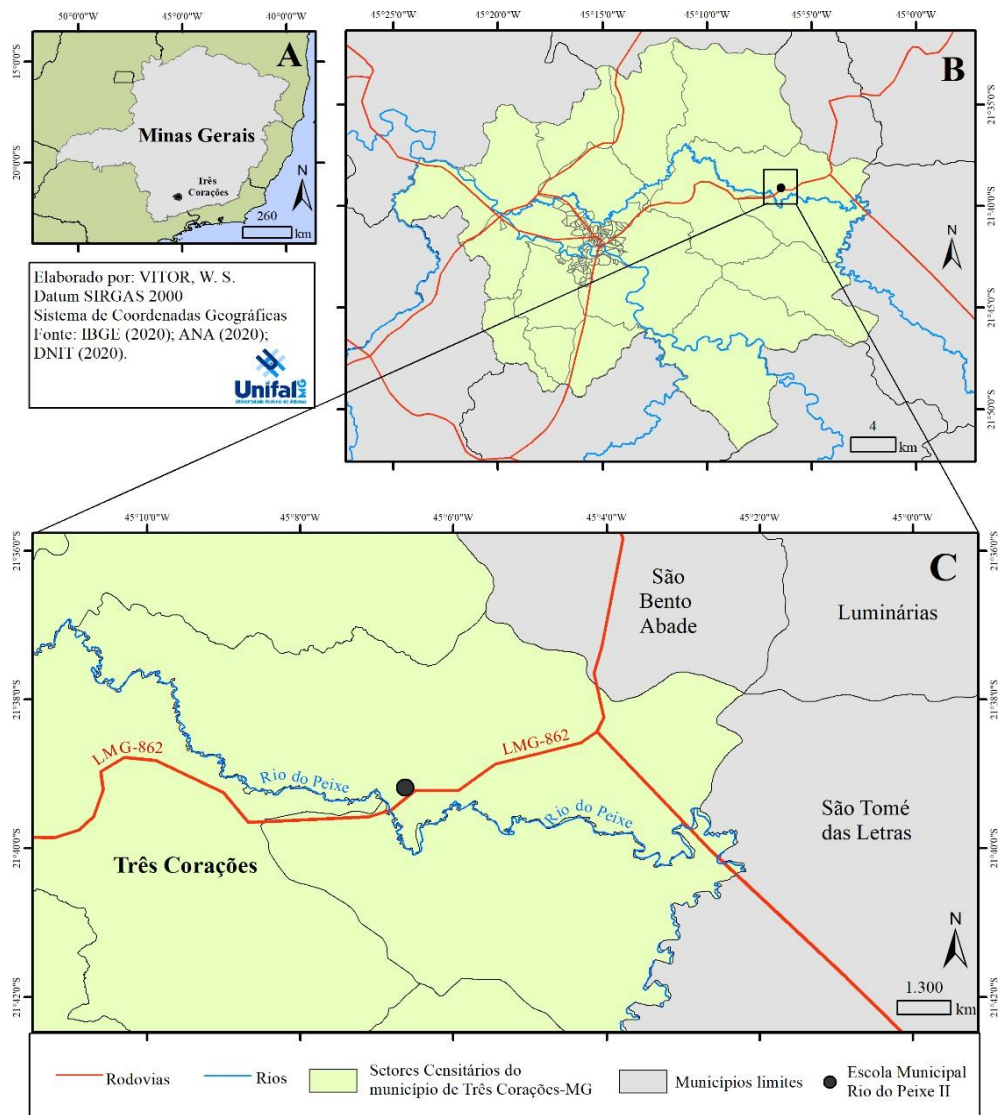


Figura 2 - Mapa de localização geográfica da Escola Municipal Rio do Peixe II no município de Três Corações - MG.

Fonte: IBGE; ANA; DNIT (2020). Elaborado por Wender da Silva Vitor (2021).



Figura 3 - Imagem de satélite da E. M. Rio do Peixe II, e do bairro Rio do Peixe, Três Corações - MG.

Fonte: <https://www.google.com/maps>. (2020).



Figura 4 - Vista parcial da Escola Municipal Rio do Peixe II, no bairro rural Rio do Peixe, Três Corações- MG.

Fonte: E. M. Rio do Peixe II (2020).

Além dos moradores do bairro Rio do Peixe, a referida escola também atende outras 20 comunidades rurais do município, entre elas: Boa Esperança, João XXIII, Barra Mansa, Fazenda dos Costas, Mafra, Vargem Alegre, Capoeira Grande. Dessa forma, a escola se tornou uma sede nuclear da região, com 237 alunos e 23 funcionários, o que no ano seguinte passaria para 300 alunos e 32 funcionários. Em 2020, a escola possuía 115 alunos matriculados, sendo apenas 12 residentes do bairro, distribuídos por todas as séries do ensino fundamental (tabela 3). Esses dados podem indicar que o bairro está sofrendo um processo de esvaziamento da população residente.

Tabela 3 - Número de alunos matriculados na Escola rural Rio do Peixe II e residentes no bairro rural Rio do Peixe, Três Corações- MG (2020).

Período/ano	Idade (anos)	Número de alunos
2º período	5	1
3º ano	8	1
4º ano	8 e 9	2
5º ano	9 e 10	2
6º ano	10	1
7º ano	11 e 12	2
8º ano	13	2
9º ano	14	1
Total	-	12

Fonte: Secretaria da E.M. Rio do Peixe II.

Ressalta-se que as demais escolas rurais que “sobreviveram” em Três Corações são: E. M. Nelson Rezende Fonseca, na Fazenda Taquaral, a E. M. Orlando Rezende Andrade, localizada na fazenda do Barreiro e a E. M. Professora Oneida Junqueira, na fazenda Cobiça.

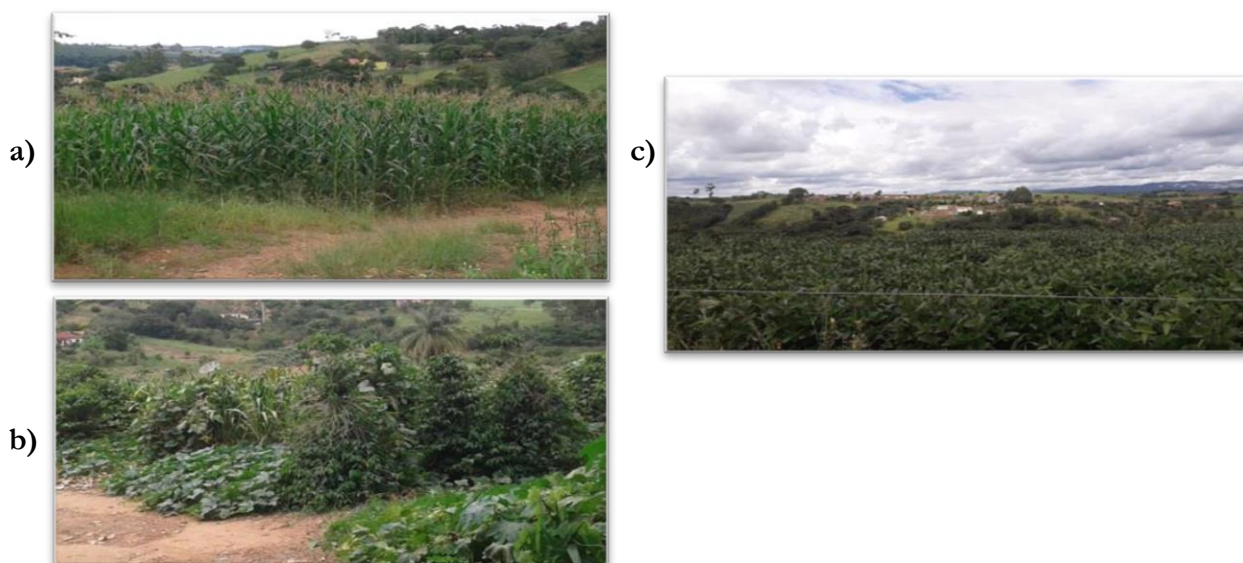
No que se refere à educação ofertada no rural, o município teve boa parte de suas escolas fechadas, realizando assim o que chamamos de nucleação das escolas, na qual uma mesma instituição atende variados bairros e comunidades, concentrando seus alunos em uma única escola, caso este da E. M. Rio do Peixe II e das demais escolas rurais citadas e que ainda permaneceram abertas. O bairro Rio do Peixe teve sua formação provinda de familiares que nele se instalaram a fim de se sustentarem por meio da agricultura, onde aos poucos começaram a produzir determinados tipos de culturas, predominando a agricultura familiar, produtora de alimentos como milho, feijão, arroz, tomate e hortaliças, além da produção de leite e seus derivados. Embora esteja inserido em uma grande região produtora de café, essa cultura não é tão representativa no bairro, sendo cultivada em poucas propriedades. No entanto, alguns moradores se empregam na colheita de café em propriedades de bairros

vizinhos.

A princípio eram somente os familiares que moravam ali no bairro, avós pais e filhos, todos criados no bairro. Me mudei pra cá enquanto criança. Meus pais veio morar aqui para trabalhar aqui perto na panha de café e pra mexer com leite. Aqui fomos criados. Não tinha muita gente era só nós, as famílias mesmo. De primeiro aqui era muito difícil não tinha escola, não tinha água no cano, era de mina. Nós não tinha luz nas casas, era no lampião. Depois que foi vindo morar mais gente pra cá, e aí foi aumentando as casas aqui. Agora tem muita casa ali em cima. Os filhos (*de moradores vizinhos*) foi vendendo as terras e foi vindo mais gente mora aqui (ENTREVISTADA 2).

Aqui no bairro, antigamente, funciona uma cooperativa que fabricava queijo e vendia mantimentos para nós. A gente também fazia muita barganha, trocávamos carne, galinhas ovos, feijão leite com os outros moradores. A gente vive principalmente da roça. Nós mexe com retiro de leite, faz queijo, plantava arroz, feijão, melancia, abóbora, milho de pipoca, mandioca, inhame, cana, batata-doce, árvores frutíferas e amendoim. Com o tempo, a gente foi mudando um pouco de cultura. Hoje a gente planta milho, trigo, aveia, soja e tomate e continua mexendo com leite (ENTREVISTADO 1).

Na fala do último entrevistado fica claro que se trata de um agricultor familiar que produz para o mercado, mas também para o autoconsumo. Na verdade, a agricultura familiar predomina no bairro, produtora de alimentos como milho, feijão, tomate e hortaliças, além da produção de leite e seus derivados. Embora esteja inserido em uma região grande produtora de café, nesse bairro essa cultura não é tão representativa. No entanto, seus moradores se empregam na colheita de café em propriedades de bairros vizinhos. A paisagem do bairro Rio do Peixe revela um pouco dessas características agrícolas, com cultivo bastante variado (figuras 5).



Figuras 5 - Lavouras agrícolas no bairro rural Rio do Peixe, no município de Três Corações- MG.

Fonte: Arquivo pessoal (fevereiro de 2020).

Legenda:

- a) Plantações de milho de um dos moradores do bairro Rio do Peixe.
- b) Lavoura de café às margens da estrada que liga a escola às propriedades rurais mais próximas.
- c) Vista do bairro e de suas plantações, observadas da área externa da escola, composta de pastagem, plantação de soja, milho, café e mata ciliar.

Além da citada escola, no “centro” do bairro existem duas igrejas, sendo uma católica (São Pedro) e outra evangélica (Congregação Cristã no Brasil), e um campo de futebol. Nesse último, além dos jogos, são realizadas várias atividades recreativas pela população local, bem como pela escola que o utiliza para a realização de gincanas, piqueniques, entre outras atividades extra classe. Já com relação à infraestrutura, as ruas do bairro não são pavimentadas, a não ser a da bifurcação que liga a rodovia MG-862 à Escola Municipal Rio do Peixe II, as casas são abastecidas por energia elétrica e água encanada, essas provenientes de poços artesianos particulares. Como não há posto de atendimento médico, essa população necessita deslocar-se para a sede do município - distante 19,6 km - para buscar esse e outros tipos de serviços, sobretudo o comércio, já que nesse “centro” existe apenas um bar, mas que funciona apenas aos finais de semana para atender ao público do futebol e demais moradores que se reúnem para conversar. Para o deslocamento até o centro urbano, devido ao número de linhas reduzidas responsáveis pelo transporte público que faça esse traslado, os moradores dependem de automóveis particulares ou de “caronas” para esse deslocamento.

De acordo com seu Projeto Político Pedagógico, a Escola Municipal Rio do Peixe foi criada pela Lei Municipal nº 773/69 de 26/03/1969 e autorizada ao funcionamento pelas portarias de nº 82/77, e de nº 1192/92 de 16/02/2002 da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais. Segundo dados do Censo Escolar (2017), atende um total de 176 alunos ofertando as modalidades: Educação Infantil, Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II. Isso significa que para dar continuidade aos seus estudos esses alunos precisarão deslocar-se diariamente para a sede do município por meio de transporte escolar fornecido pela prefeitura municipal. Além desse bairro, essa escola atende também alunos oriundos de outros bairros rurais como: Boa Esperança, João XXIII, Barra Mansa, Fazenda dos Costas, Mafra, Vargem Alegre, Capoeira Grande e demais comunidades adjacentes.

Embora essa escola não apresente em seu currículo abordagens destinadas a um ensino pautado nas questões voltadas ao espaço rural, ou seja, a denominada educação do campo, uma de suas características é a elaboração e aplicação de projetos culturais que contribuem para a promoção e incentivo à educação das crianças e adolescentes residentes nesse e em outros bairros rurais de Três Corações. Um exemplo é o

projeto “Carroça Literária: semeando leitura e colhendo cultura”, que objetiva levar a leitura em suas diversas representações e manifestações (cantigas de roda, números musicais, de dança e poesia) aos moradores das áreas rurais do município, como forma de estimular o hábito da leitura entre eles (figura 6). Mais especificamente sobre a valorização do mundo rural, em 2016, a escola teve projeto principal, "A Educação para o Campo na sala de aula", destacando a importância do “trabalhador rural, profissional que impulsiona a economia do nosso país”.

Desta forma, deve ser valorizado e respeitado em todos os sentidos: linguagem, hábitos, costumes, tradições, crenças, religião e em toda a sua cultura em geral” (<http://trescoracoes.mg.gov.br/index.php/portal-da-educacao/8409-06-05-2016-e-m-rio-do-peixe-carroca-literaria>)

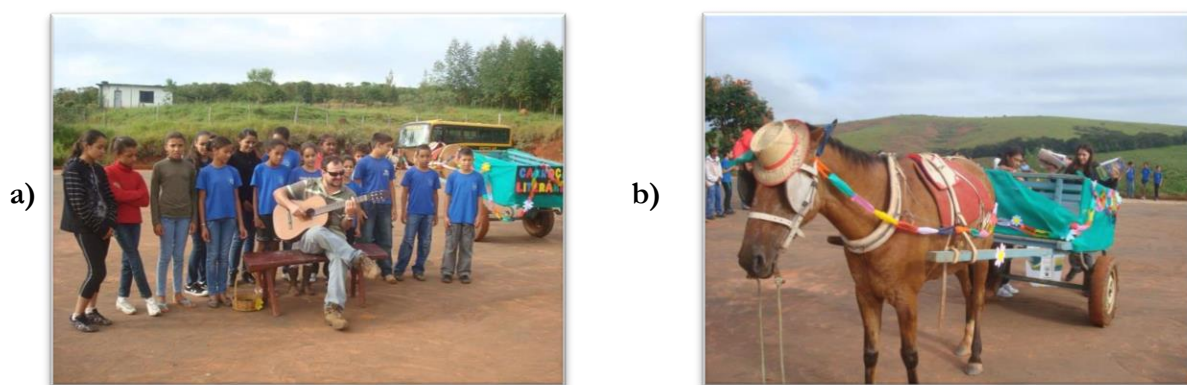


Figura 6: Imagens de atividades do projeto Carroça Literária da Escola Municipal Rio do Peixe II, no município de Três Corações- MG: apresentação musical (A) e charrete com livros (B).

Fonte: Arquivo pessoal Luceli Ongaro (2013).

Além disso, a escola também oferece oficinas de danças, teatro, cafés comunitários e outras atividades que se estendem para além da escola. Essa é uma forma de dialogar com a comunidade rural na qual está inserida por meio de atividades diversificadas, a fim de realizar um resgate sociocultural do bairro e da identidade de seus alunos.

Obviamente que o melhor seria que o ensino da Escola Municipal Rio do Peixe II fosse realmente voltado para a educação do campo, seguindo um Projeto Político Pedagógico, abordando o rural em seu currículo, conceitos e metodologias de modo a contribuir para que esses alunos se orgulhem de pertencer a esse espaço e não se sintam motivados para migrarem para a cidade. Isso porque boa parte desses alunos vivem em unidades de produção familiar, cujo cotidiano é bem diferente daqueles tratados nos livros

didáticos com conteúdos urbanos.

Partindo desta análise histórica do bairro e da escola que nele se localiza, se realizou uma busca em tentar associar estes estudos de campo com a questão do espaço, a fim de entender o lugar e como esses alunos estão inseridos no mesmo e se reconhecem como produtores desse espaço rural (no caso a escola e o bairro rural). Segundo Fernandes (2006, p. 28-29),

[...] O campo pode ser pensado como território ou como setor da economia. O significado territorial é mais amplo que o significado setorial que entende o campo simplesmente como espaço de produção de mercadorias. Pensar o campo como território significa compreendê-lo como espaço de vida, ou como um tipo de espaço geográfico onde se realizam todas as dimensões da existência humana.

E é seguindo essa lógica territorial que procuramos entender o papel da escola atrelado a produção familiar desse local, pois como destacado pelo referido autor, este é um espaço onde se realizam diferentes atividades da dimensão humana, no qual se procura compreender o aluno e a sua percepção do lugar no qual reside.

O bairro apresenta múltiplos significados a sua população, servindo como moradia, local de descanso, fornecendo alimentos, trazendo renda às famílias e propiciando a sociabilidade entre os moradores, papel esse muito bem exercido pela escola, que se torna um elemento importante dentro desse estudo.

Apesar de seu currículo um tanto quanto enraizado em elementos do urbano, seja ele para obter resultados ou mesmo para nivelar uma educação vista como padronizada pelas instituições de ensino e secretarias, a E. M. Rio do Peixe II se esforça em trazer por meio de suas aulas a realidade do campo para a sala de aula.

A valorização do campo se faz presente através da vivência e da contextualização correta do espaço e da leitura de seu cotidiano, haja vista que a educação do campo possui papel importante na formação educacional e político-cidadã desses indivíduos, formando assim não apenas trabalhadores rurais, mas sim sujeitos políticos.

Porém, no dizer das professoras entrevistadas, a escola apresenta dificuldades em destacar a realidade do sujeito pertencente ao campo por inúmeros fatores, dentre eles e talvez o mais impactante para o rompimento da afetividade desses indivíduos com o local, o currículo voltado a questões do urbano. Na fala de uma das professoras:

Fizemos um profundo estudo da BNCC, e agora utilizamos o Currículo Referência de Minas Gerais. Mas infelizmente, não conseguimos “amarrá-lo às necessidades do Campo e para o Campo. Penso que é devido aos objetivos numéricos, resultado das avaliações externas que são padrão avaliativo (PROFESSORA 1).

Evidenciando uma educação urbanizada, que não se apropria do campo para suas análises e discussões, faz com que esse modelo de ensino seja fragmentado e não possua total eficácia como se esperava. Haja vista que, para uma educação que de fato seja voltada ao rural, é preciso que se tenha uma organização curricular da escola e se elabore uma metodologia de ensino eficaz e aplicável pelo professor como destacam Cruz e Azevedo (2019).

Atrelada a essa análise, ainda é possível considerar válida a aplicação do ensino de Geografia nesse contexto, a fim de auxiliar como principal ferramenta de leitura do espaço, conseqüentemente de suas diversas produções e aplicabilidades, com intuito de dar a esses alunos material suficiente para construírem sua própria percepção de espaço, construindo indivíduos críticos e pensantes que valorizem suas origens e se orgulhem de estarem e estudarem no rural.

Nesse sentido, é necessária uma leitura mais crítica sobre esses modelos de ensino, pautados em currículos que sejam capazes de indicar o seu grau de aplicabilidade no ensino e aprendizagem desses alunos, com o intuito de avaliar não somente o papel da escola no fortalecimento dos laços com o lugar, mas também de que maneira a formação desses profissionais que atuam na prática voltada ao campo deve ser abordada, sendo capaz de criar condições para que esses indivíduos estabeleçam com o lugar uma relação de pertencimento e, ao mesmo, de que forma ela é exercida, fazendo com que esses se sintam parte deste local no qual vivem e exercem suas atividades.

Ademais, por mais que a E. M. Rio do Peixe II esteja fortemente ligada ao bairro e exerça papel importante no mesmo, nota-se que a educação do/no campo ainda carece de muito incentivo e preparo dos profissionais que ali exercem sua profissão. É necessário que se invista numa educação emancipadora e que dialogue com a realidade desses indivíduos, pois pouco se discute a realidade ou o cotidiano desses alunos, uma vez que é seguido o livro didático que nem sempre é capaz de contextualizar toda essa realidade.

Considerações finais

A partir do exposto sobre a educação do campo, bairros rurais e agricultura familiar, é possível constatar que as dinâmicas existentes nas localidades rurais e vivenciadas nas escolas através das relações do homem com meio rural, enfrentam dificuldades em estabelecer um enfoque direcionado prioritariamente às vivências do sujeito no campo, principalmente no atual cenário político ao qual estamos passando, em que a desvalorização

da classe trabalhadora e do ensino são nítidas e o enfoque na educação técnica profissionalizante mercadológica, pautada em uma educação bancária, tem se tornado o principal método educacional.

A atual situação do rural, em especial quando se trata da valorização do campo, se faz presente através da vivência e da contextualização correta do espaço e da leitura de seu cotidiano, fator esse possível somente com uma educação do campo emancipatória, na qual bairro e escola caminhem juntos, seja por meio das políticas públicas, projetos pedagógicos atrelados a uma formação especializada e ao currículo que dê a esses indivíduos uma formação destinada para o campo e no campo. Pois durante muito tempo essas temáticas sofreram com o descaso por parte do próprio governo, não sendo vistas como importantes, priorizando apenas políticas públicas e discussões voltadas a educação urbana.

Este trabalho também possibilitou compreendermos que ainda estamos longe de uma consolidação das temáticas atreladas ao campo, devido algumas vezes a dificuldade que alguns professores enfrentam em trabalhar estes temas com os alunos, ponto esse que evidencia um despreparo para a abordagem destes, ressaltando a importância de se realizar mais debates e eventos nesta área da geografia.

O não cumprimento do papel do Estado aos indivíduos residentes no campo acarreta em uma série de perdas a população que nele vive, iniciando pela falta de incentivo e de estruturas básicas para sua permanência, contribuindo para a intensificação do êxodo rural, desvalorização do campo, falta de escolas, transporte público precário, profissionais sem preparo para lecionar e currículos totalmente urbanos são os grandes vilões na busca por um resgate da cultura desses espaços rurais.

Tendo em vista que essas questões ligadas a modernização do campo e a reestruturação do bairro modificando os modelos de produção familiar e fortalecendo a construção de loteamentos, o bairro Rio do Peixe é visto como um novo rural, ainda que nele permaneçam traços do antigo, este novo se faz presente dentro das estruturas familiares, sendo reflexo da instituição de ensino e das relações cotidianas presentes no lugar.

Ademais, o embasamento teórico, em conjunto com as análises feitas na localidade, nos leva a compreensão de que é necessário discutir e incentivar cada vez mais a existência de unidades de ensino e formação de profissionais voltadas para compreender os espaços rurais e suas dinâmicas. Haja vista que a geografia é uma ciência dinâmica atrelada sempre a transformações, o que a torna ainda mais atraente a pesquisa, pois há sempre o que entender a respeito do rural, fazendo com que esses estudos se tornem combustíveis para

possíveis pesquisadores que desejam dialogar a respeito da geografia agrária brasileira dentro de suas temáticas, sendo necessário que cada vez mais as instituições de ensino abordem o campo brasileiro, compreendendo as suas diversidades e peculiaridades, fortalecendo a identidade dos que nele ainda residem, retiram seu sustento e nos alimentam por meio da agricultura familiar.

Referências

BOMBARDI, L. M. **O Bairro Reforma Agrária e o processo de territorialização camponesa**. São Paulo: Annablume, 2004.

BARROS FILHO, J. R. G; TELES, R. C. Educação do campo: luta social, política e resistência camponesa. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 24. **Anais...** Dourados/MS, 2018, p. 1-11. Disponível em: <http://anaisenga2018.comunidades.net/anais>. Acesso em: 15 jul. 2022.

CALLAI, H. C. **A Formação do Profissional da Geografia: O Professor**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.

CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2003.

CARNEIRO, M. J. Em que consiste o familiar da agricultura familiar? In: COSTA, L. F. de C.; FLEXOR, G.; SANTOS, R. (org.) **Mundo Rural Brasileiro**: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, p. 225-269, 2008.

COSTA, C. L.; SANTOS, J. R. Abordagem qualitativa na pesquisa sobre ensino de geografia no campo: desafios e perspectivas. **Revista Percurso** - NEMO Maringá, v. 3, n. 2, p. 61-77, 2011 ISSN: 2177- 3300. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/view/13982>. Acesso em 09 set. 2022.

COSTA, V. M. H; OLIVEIRA, A. R. **Desenvolvimento territorial: sociabilidade, solidariedade e capital social**. In SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA 3 / SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 2. UNESP, Presidente Prudente, 2005. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/singa2005/Trabalhos/Artigos/Alecio%20Rodrigues%20de%20Oliveira.pdf>. Acesso em: 09 set. 2022.

CRUZ, A. B.; AZEVEDO, S. C. Geografia escolar e escola no campo: investigações sobre a educação geográfica numa escola rural com currículo urbano. **Revista NERA**, v. 22, n. 46, p 133-155, jan.-abr. 2019.

FERNANDES, B. M. Os campos da pesquisa em educação do campo: espaço e território como categorias essenciais. In: MOLINA, M. C. **Educação do campo e pesquisa**: Questões para reflexão. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000120&pid Acesso em: 09 set. 2022.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico> Acesso em: 26 de março de 2021.

MOREIRA, E. V. **As múltiplas fontes de rendas e a pluriatividade nos bairros Aeroporto, Cedro, Córrego da Onça, Ponte Alta e Gramado no município de Presidente Prudente- SP**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Ciência e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho”. Presidente Prudente, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/96750>. Acesso em: 09 set. 2022.

NOSSA escola, nossa história. Três Corações: Escola Municipal Rio do Peixe II. Impresso, s.d.

OLIVEIRA, A. R. **Bairros rurais de Anhumas-SP: espaço, história e organização**. Tese (Doutorado em Sociologia). 210 f. Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/106264>. Acesso em: 09 set. 2022.

OLIVEIRA JÚNIOR, G. M. **Educação do campo e práticas cotidianas das crianças na unidade de produção familiar**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Instituto de Ciências da Natureza. Universidade Federal de Alfenas, 2015.

RODRIGUES, S. G. S; NADORQUE, S. **Educação do campo: Ensino de Geografia e o Livro Didático Específico para os alunos do campo**. ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 24. **Anais...** Dourados/MS, 2018, p. 1-11. Disponível em: <http://anaisenga2018.comunidades.net/anais>. Acesso em: 15 jul. 2022.

SANTOS, L. L. **Educação do campo no Estado do Paraná: das escolas rurais às escolas do campo**. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 24. **Anais...** Dourados/MS, 2018, p. 1-11. Disponível em: <http://anaisenga2018.comunidades.net/anais>. Acesso em: 13 ago. 2022.

TRÊS CORAÇÕES. Secretaria Municipal de Educação de Três Corações. **Plano Decenal de Educação**. 2015 – 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS CORAÇÕES; INSTITUTO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL. **Leitura Técnica e Prognóstico Preliminar**. Revisão do plano diretor de desenvolvimento urbano ambiental de Três Corações/MG, 2017. <http://www.trescoracoes.mg.gov.br/>. Acesso em 02 dez. 2018.

WANDERLEY, M. N. B. **Raízes históricas do campesinato Brasileiro**. In: TEDESCO, J. C. (Ed.). **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. Passo Fundo: EDIUPF, 1999, p. 21-55.